

A INDUÇÃO NA FILOSOFIA: LÓGICA E PSICOLOGIA EM HUME E A CRÍTICA DE POPPER

Ac. Manuela Carraro Leão (Iniciação Científica FAPEMIG-DIEPG/UFSJ)

Orientadora: Marilúze Ferreira de A e Silva (Depto das Filosofias e Métodos – DFIME)

Resumo Desde a antigüidade, os filósofos empregam métodos dedutivos e indutivos para o estudo da realidade. Donald Williams em *The Ground of Induction* (1947), considerou que resolver o problema da indução seria resolver o maior problema da Filosofia que é o da analítica e o da crítica teórica do conhecimento e propôs para a indução, um lugar no mundo do conhecimento capaz de solucionar muitos problemas filosóficos. Popper, em sua obra *Conhecimento Objetivo* (1975), se declarou com essa competência e apresentou a proposta conjectural como solução partindo da crítica aos problemas lógico e psicológico da indução instaurados por David Hume em *Investigação acerca do entendimento humano* (1972). Tendo isso em vista, fez-se necessário dividir o trabalho em duas partes: na primeira foi abordado o conceito de indução em Filosofia e, na segunda, foram tratadas as questões da lógica e da psicologia do conhecimento indutivo em David Hume e a crítica de Popper que promoveu discussões trazendo novas contribuições para o conhecimento científico. O método de abordagem foi o lógico e o epistemológico tendo em vista a investigação lógica de Popper no que diz respeito à problemática humeana, bem como a instauração de um novo tipo de conhecimento como sendo a solução para as inferências indutivas. O método de procedimento foi o bibliográfico tomando como referências as obras de Donald Williams *The Ground of Induction*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1947, para esclarecer o conceito de Indução em Filosofia, a de David Hume *Investigação acerca do entendimento humano*. São Paulo: Nacional, 1972 e a de Karl Popper *Conhecimento objetivo*. São Paulo: Perspectiva, 1998. A questão do conhecimento indutivo reporta à indagação se agimos ou não de acordo com a razão. A partir de tal pressuposto, a análise dos dados permitiu identificar que as respostas de Hume e de Popper a esta indagação foram divergentes. O primeiro não acredita na capacidade da razão humana em relação ao conhecimento indutivo. Já o segundo, defende a racionalidade e a considera o fundamento do saber, destacando a indução genuína como sendo um raciocínio hipotético (conjectural). Em síntese, a análise indicou que existe um conflito entre os problemas lógico e psicológico da indução instaurados por Hume. Este fato acarretou um ceticismo e um certo irracionalismo humeano, uma vez que o filósofo reduz a razão a um papel menor no entendimento humano. Ao contrário de Hume, Popper faz um apelo à racionalidade e ao emprego do método crítico-hipotético (conjectural), como sendo a base da verdadeira indução e do conhecimento científico, solucionando a problemática instaurada por Hume.

Palavras-chave: Indução. Ceticismo. Razão.

Lógica e Psicologia em Hume e a Crítica de Popper

David Hume (1711-1776) enquadra-se na categoria dos filósofos empiristas ingleses,

Acreditando que só podemos conhecer a partir da experiência. Deste modo, a sua teoria do conhecimento,

no que diz respeito a associação das idéias e a conexão necessária, é a base da sua concepção sobre as inferências indutivas. A partir de tais teorias, expressas em sua obra denominada *Investigação acerca do entendimento humano*¹, Hume instaura duas problemáticas a respeito da indução que serão a chave da investigação do filósofo da ciência Karl Popper em *Conhecimento Objetivo* (1975).

Tendo em vista tais pressupostos, pretende-se demonstrar a importância das considerações de Hume no que diz respeito ao conhecimento indutivo, bem como a investigação e conclusão de Popper em relação a tais considerações humeana. Sendo assim, o ponto de partida de Popper será a contradição entre os problemas lógico e psicológico da indução instaurados por Hume.

Neste contexto, é importante ressaltar que a crítica de Popper em relação ao método indutivo de Hume, foi de extrema importância para o desenvolvimento do método crítico da ciência e para a formação do verdadeiro conhecimento científico.

A teoria da associação de idéias humeana

Hume formula a sua teoria da associação de idéias, como sendo uma das principais bases para a sua concepção sobre a indução, classificando as idéias em simples e complexas.

¹ HUME, David. *Investigação acerca do entendimento humano*. São Paulo: Editora Nacional, 1972.

Deste modo, segundo ele, as idéias simples são associadas e transformam em complexas. Um exemplo desta associação de idéias está nas qualidades da maçã, onde Hume demonstra que as idéias simples de cor, gosto e odor quando associadas formam a idéia complexa de maçã. Além disso, para ele, o princípio de associação de idéias baseia-se na experiência que temos de que as idéias simples transformam-se regularmente em complexas. Desta maneira, Hume destaca que

A associação de idéias é fortalecida pela repetição, sendo a força que guia todos os nossos pensamentos e ações. As idéias são associadas por princípios de conexão que unem os diferentes pensamentos do espírito humano e os introduzem com certo método e regularidade na memória. Isto é tão visível em nossos pensamentos ou conversas que, qualquer pensamento que interrompe a seqüência regular ou o encadeamento das idéias, é imediatamente notado e rejeitado²

Segundo ele, esta associação de idéias é a responsável pelas inúmeras operações do espírito humano, sendo que estes princípios de conexão são expressos por ele de três maneiras, a saber: 1- princípio de semelhança (quando por exemplo um quadro conduz nossos pensamentos para o original, ou seja, a idéia expressa pelo quadro está associada à idéia original); 2- princípio de contiguidade no espaço e no tempo

² Id. Ibid. p. 20.

(quando um historiador escreve a história da Europa durante um determinado século, apesar da diversidade dos fatos, todos aconteceram em um mesmo espaço geográfico [Europa] e em um mesmo período de tempo [determinado século], ocorrendo uma certa unidade entre as diferentes idéias) e 3- princípio de causa e efeito (quando pensamos em um ferimento e somos conduzidos a refletir acerca da dor que o acompanha, sendo que percebemos através da experiência que este evento está em constante conjunção. Assim, ao pensarmos a idéia da causa “ferimento”, inferimos imediatamente a idéia do seu efeito “dor”). Segundo Hume, estes três princípios de conexão ou de associação são os únicos laços que unem os nossos pensamentos.

De modo geral, o terceiro princípio de associação de idéias de Hume, ou seja, o princípio de causa e efeito, é um dos vetores que permite a sua visão sobre as inferências indutivas, uma vez que o filósofo não acredita haver racionalidade humana capaz de descobrir uma conexão na relação causal que permita inferir indutivamente. A seu ver, a indução não é um procedimento racional, mas sim uma transição costumeira.

A idéia de conexão necessária de Hume

Sabendo-se que todas as idéias derivam de impressões externas ou internas correspondentes, ou seja, todos os nossos pensamentos derivam das sensações, Hume demonstra que existem idéias que são abstratas por

não possuírem suas respectivas impressões.

Tais idéias são as de poder, força, energia ou conexão necessária entre dois eventos sucessivos.

Visto que Hume afirma não haver conhecimento quando não há uma impressão correspondente a uma idéia, torna-se impossível descobrir a conexão necessária existente entre uma relação de causa e efeito através da razão. Neste contexto, O filósofo demonstra que de um único evento jamais poderemos descobrir o poder ou a conexão necessária que ligue a causa ao efeito, pois a partir da experiência sabemos que um objeto acompanha o outro em sucessão ininterrupta, porém não podemos conhecer a conexão responsável por este evento. Assim, Hume exemplifica este fato dizendo que o calor é um acompanhante constante do fogo e que podemos perceber esta conjunção entre eles, mas jamais poderemos imaginar a conexão entre tal evento.

Hume admite a ignorância humana em relação à conexão entre sucessivos objetos ou eventos mas, segundo ele, os homens não encontram obstáculos para explicar tal conexão, afirmando perceber com exatidão a força da causa que a põe em conexão com o seu efeito. Entretanto, os filósofos percebem que a energia da causa é inteligível e admitem que apreendemos da experiência apenas a conjunção entre os objetos, sem que sejamos capazes de compreender

der a conexão entre eles. Assim, Hume constata que

Temos procurado em vão uma idéia de poder ou de conexão necessária em todas as fontes de onde pudesse originar. Em toda a natureza não aparece um único exemplo de conexão passível de nossa concepção. Todos os eventos parecem inteiramente soltos e separados. Um evento segue o outro, porém jamais podemos observar um laço entre eles. Parecem estar em conjunção, mas jamais em conexão.³

Neste contexto, Hume afirma que a indução por repetição não tem nenhum fundamento racional, uma vez que a conexão entre os sucessivos eventos nos é desconhecida. Mas, de onde surge a idéia de conexão necessária que permite inferir indutivamente? Hume responde que após a repetição de casos semelhantes, o espírito é impelido pelo hábito ou costume a aguardar um evento quando surge o outro, sendo que esta transição costumeira de um objeto ao outro é a impressão que origina a idéia de conexão necessária e que permite inferir indutivamente. Deste modo, quando um grande número de inspeções afluem sobre num único evento, elas o fortificam e o confirmam na imaginação, engendrando um sentimento de crença que confere a tal evento maior preferência e confiabilidade.

Para Hume, o costume ou hábito é o grande guia da vida humana, pois a partir dele podemos esperar para o

futuro a ocorrência dos eventos do passado, ou seja, podemos inferir indutivamente. Assim, segundo ele, o procedimento indutivo é obra do costume e não da razão.

A questão da indução e o ceticismo de Hume do ponto de vista de Popper.

Popper observa que Hume instaura dois problemas de indução ao formular a sua teoria da conexão necessária, a saber: 1- problema lógico e 2- problema psicológico. Deste modo, ele demonstra que quando Hume procura a base da idéia de conexão necessária, inseri-se o problema lógico da indução uma vez que, se a sucessão regular entre dois eventos fosse necessária, então ela ocorreria não só entre os exemplos observados, mas também entre os não observados. Assim, Popper destaca que o problema lógico de Hume, que se baseia em saber se somos justificados em raciocinar partindo de exemplos repetidos que temos experiência para outros exemplos (conclusões) dos quais não temos experiência, recebeu resposta negativa.

Contudo, segundo Popper, Hume acredita que as pessoas crêem na validade indutiva e esperam que o futuro seja igual ao passado. Sendo assim, instaura-se o problema psicológico da indução, indagando o porquê da crença de tais pessoas nas inferências indutivas. Neste contexto, Hume responde que o mecanismo psicológico da associação força as

³ *Idem*, p.71.

peçoas a acreditarem, por costume ou hábito, que aquilo que aconteceu no passado acontecerá no futuro. Popper observa que isto levou Hume, um dos pensadores mais racionais de todos os tempos, a abandonar o racionalismo e a encarar o homem não como dotado de razão, mas como produto de cego hábito.

A partir de tais pressupostos, Popper observa que houve um choque entre a resposta negativa dada por Hume ao problema lógico da indução e sua resposta positiva ao problema psicológico, ocorrendo uma destruição tanto do racionalismo quanto do empirismo. A seu ver, Hume tornou-se cético ao afirmar que a conexão entre dois eventos inseri-se em nossa imaginação através de uma transição costumeira, sendo a indução obra do costume e não da razão. Desta maneira, Popper acredita que

Hume está errado quando pensa que, na prática, fazemos tais inferências com base na repetição ou hábito. Assevero que sua psicologia é primitiva. O que fazemos na prática é saltar para hipóteses inteiramente inconclusivas que podemos corrigir se forem submetidas à crítica. A asserção de que temos uma inclinação irracional para impressionarmos com o hábito e a repetição é algo inteiramente diferente da asserção de que temos tendência para experimentar hipóteses ousadas que podem ser corrigidas.⁴

Neste contexto, Popper afirma que a questão central de Hume era saber

se agimos ou não de acordo com a razão. A resposta de Popper é afirmativa. Segundo ele, a indução genuína por repetição não existe, mas o que lhe parece indução é raciocínio hipotético, bem testado, bem corroborado e de acordo com a razão. Deste modo, Popper resolve o paradoxo de Hume, afirmando que ele estava certo em sua crítica lógica, mas errou no contexto psicológico referente à sua crença de que agíamos com base no costume e de que este era resultado da repetição. Segundo Popper, as pessoas acreditam em repetições não pelo costume, mas porque necessitam de tais regularidades, experimentando-as mesmo onde não há nenhuma. Sendo assim, ao resolver o paradoxo de Hume, Popper deixa claro que não há conflito entre a racionalidade e a ação prática em nossa constituição humana, instaurando o método crítico da ciência e o verdadeiro conhecimento científico.

Considerações finais

A partir desta pesquisa ampliam-se os horizontes do processo de conhecimento, uma vez que Popper critica o problema psicológico da indução de Hume e conseqüente destruição da razão, instaurando um novo tipo de conhecimento, o conjectural ou hipotético, como sendo a base do verdadeiro método crítico da ciência. Além disso, é importante destacar que Popper é anti-indutivista, anti-positivista e contra a lógica categórica de Aristóteles, fato que contribuiu para as suas teorias hipotéticas e para a sua crítica à indução de Hume.

⁴ POPPER, Karl. *Conhecimento Objetivo*. p. 98.

Referências Bibliográficas

HUME, David. *Hume*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

HUME, David. *Investigação acerca do entendimento humano*. São Paulo: Editora Nacional, 1972.

POPPER, Karl. *Conhecimento Objetivo*. São Paulo: Editora da universidade de São Paulo, 1975.

WILLIAMS, Donald. *The Ground of Induction*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1947.